

A Porta

O primeiro dos dois inéditos de Pessoa nas páginas do «JL»: «A Porta», conto fantástico assinado pelo heterónimo Alexander Search, recolhido e traduzido do inglês por Maria Leonor Machado de Sousa.

(...) Ora o castelo tinha muitos corredores, e num deles, que não tinha coisa alguma que o distinguísse, que era absolutamente igual aos outros, havia uma porta que também não era diferente das outras portas — era exactamente como elas, e como todas as portas do edifício, que não era pequeno. A sala a que pertencia esta porta era tão indiferente como a própria porta. A única ideia que quero incutir no leitor é a indiferença absoluta do corredor, da sala e da porta; quero que ele conheça o facto de que nenhuma coisa de natureza particular ou histórica fazia a porta horrível ou misteriosa. Por isso, mais terrível é a história que tenho para contar.

Passai os anos da minha infância e da minha primeira juventude no Castelo. A minha imaginação tinha pouco de histórico; neste sentido, pouco me interessava pelo edifício; como artista, tenho uma certa admiração por algumas das suas partes, mas o efeito do Castelo sobre a minha imaginação era relativamente pequeno, muito mais pequeno do que se poderia esperar. Excepto num ponto — um único — que passareis a saber. Não sou o que se chama perverso; o meu carácter, devo acrescentar, tem mesmo pouco de uma natureza impulsiva e de natureza primitiva. Tenho a frieza do homem culto unida [espaço em branco] à sensibilidade da alma artística. Portanto, não vejo razão para o que vou contar.

Disse que fui educado no velho Castelo, que fiquei lá até à primeira juventude. Assim foi, e a primeira recordação que tenho da infância é de mim próprio dando pontapés na porta de que falei, dando-lhe impulsivamente um pontapé com o meu pé direito.

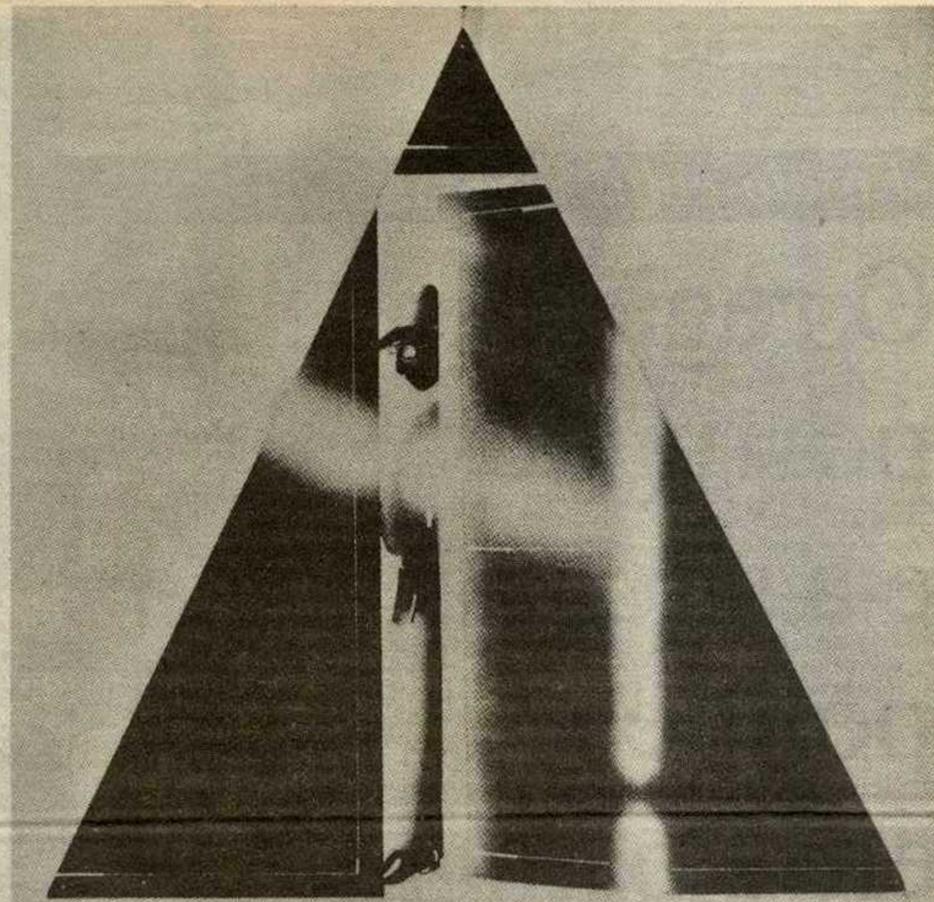
E este é o único fenómeno de natureza impulsiva ou perversa de que me consigo lembrar na minha vida. Que era dessa natureza, disso não tenho dúvida. Na juventude, sempre que passava pelo corredor, devagar ou depressa, em atitude sonhadora ou bem acordado, apoderava-se de mim um impulso, que não podia controlar e que punha sempre em prática, de dar um pontapé àquela porta com o meu pé direito. Nas minhas brincadeiras de criança, quando muitas vezes fugia de alguém através deste corredor, era apanhado e perdia o jogo porque parava para dar um pontapé na porta — se falhava, pior, voltava atrás para o dar — sempre com o pé direito. Lembro-me bem de um incidente que ilustra a estranheza

deste impulso. Um dia o meu pai, por causa de qualquer partida que eu fizera, arrastava-me pela mão para o seu quarto para administrar o castigo que eu merecia. Passámos pela porta, indo eu do lado mais afastado. Comecei imediatamente a arranhar, bater e morder-lhe — acção que, da minha parte para ele, era mais que estranhamente fora do comum. Arranhei tanto, mordi tanto, dei tantos pontapés que o meu pai foi obrigado a soltar-me. Fui até à porta, dei-lhe um pontapé e voltei para junto dele com a minha habitual docilidade e timidez perante o castigo. O meu pai nunca compreendeu claramente a razão desta revolta sem precedente. No fim da meninice e na primeira juventude, quando já despira o manto do ser material, o singular impulso de bater na porta começou a dar-me matéria para inquieta especulação. Comecei a fazer experiências em mim próprio.

Mas já anteriormente eu tentara dominar este desejo, sempre sem resultado. Nunca conseguia passar pela porta sem lhe dar um pontapé, fosse o que fosse que eu ia a fazer quando lá passava, por mais distraído que eu fosse no corredor. Na infância, o impulso era puramente um impulso inconsciente, não era idade para raciocinar. Na meninice, com uma consciência mais clara de mim próprio, o impulso era examinado, inutilmente, mas com firmeza; era observado pensativamente, às vezes em atitude de divertimento, pelo intelecto que acordava. Na juventude, tinha necessariamente outra forma.

Quando cheguei à juventude — repito — totalmente consciente de mim mesmo e com o intelecto particularmente cheio — pois aqueles que têm o meu carácter são precoces no seu desenvolvimento intelectual — comecei a procurar a razão deste impulso, e os meus sentimentos começaram a mudar. O singular impulso, volto a dizer, começou a dar-me causa para inquieta especulação. O sentimento de espanto tornou-se o sentimento de medo. Tentara anteriormente controlar a estranha forma de perversidade; examinava-a agora, analisava-a, fazia experiências sobre ela. Tentava controlá-la; mas nunca conseguia passar pela porta sem lhe dar um pontapé. Tinha tentações horríveis de bater na porta com o pé esquerdo ou bater-lhe mais que uma vez; mas sempre se apoderava de mim um medo de não me controlar, e não me afastava em nada da acção habitual. Disse «horrível tentação»; assim me parecia na ocasião do impulso, embora no meu ego normal o encarasse como simples experiência. Mas quando o impulso me tomava, a intenção reduzia-se a medo, e um terror horrível e desconhecido impedia outra acção que não fosse a impulsiva — um medo de alguma coisa desconhecida e vaga, tanto mais horrível quanto a razão e a causalidade não tinham armas contra a causa do pânico.

A porta começou a obcecar-me; comecei a receá-la e a dar-lhe o habitual pontapé como superstição; o Homem reza e sacrifica ao Deus que desdenha e contudo teme demasiado para se lhe opor. Eu abria a porta com uma sensação estranha na pele e saía da sala muito rapidamente. Não tinha qualquer vontade de ir à sala à noite, batia na porta, entrava a tremer, saía muito rapidamente, com os



olhos meio fechados e olhando em frente, dava outro pontapé na porta, fechava-a e fugia para a parte da casa para onde tinha que ir. O horrível talvez, temível mesmo na sua indefinição, caía sobre mim de garras abertas; esta é a forma comum do medo profundo — o medo das coisas desconhecidas.

Perguntava muitas vezes a mim próprio qual poderia ser a causa disto. Que tinha a porta em si, ela que nada tinha que se fizesse notar, que me fizesse tremer diante dela? Tinha a porta também uma alma que tivesse alguma influência na minha alma? Decidi não voltar a dar-lhe pontapés; decisão sensata, pensei. Inútil, contudo; mal chegava o momento e o impulso, qualquer tentativa de resistência tomava absoluta e definitivamente a forma de uma tentação, de uma ideia sacrilégio e mais que vil. O que naturalmente fora tão racional tornava-se pecaminoso e inconcebível de fazer.

Ponderei a minha anormalidade e achei-a com analogias com algumas espécies de doenças de nervos. Ai de mim! a explicação era muito simples, mas para mim lamentavelmente insuficiente. Podeis dizer ao megalómano que a sua monomania é vulgar e facilmente explicável; para ele é algo muito mais profundo e mais real e mais verdadeiro. Nós, na nossa normalidade satisfeita, temos não sei que conceito da alma do louco.

Mas a atracção mais que horrível da porta começou a pesar sobre o meu espírito. Tentei libertar-me da sua influência, mas não tinha firmeza suficiente. Tentei quebrar as regras

ocultas e horríveis da minha obsessão, mas a minha coragem era incapaz disso. Por fim tinha chegado a um estado em que nem sequer me coibia de atravessar a passagem onde estava a porta, embora pudesse escolher dois ou três desvios para chegar à parte da casa para onde ia. O infernal magnetismo da porta tinha-se estendido à própria passagem. Tentei não ir por aquela passagem quando havia três outros desvios, e um deles mais curto; a princípio consegui, mas quanto mais pensava que não devia, que não podia passar por ali, mais passava, até que por fim a seguia sem hesitação exterior, com a minha alma instável cambaleando dentro de mim, louco com o seu medo e oposição.

Tinha nesta época quase vinte anos de idade. Viajei muitas vezes até à capital e fiquei lá. Quando voltava, ficava sob o poder da porta. Por isso tentei ir para longe; mas em breve, para meu enorme horror, dei por mim, mesmo em Londres, atraído pelo próprio Castelo. A porta tinha estendido o seu poder ao Castelo. Eu odiava e receava a porta, não gostava do Castelo; mas não podia ficar longe deles. Não conseguia pensar no Castelo; se pensava nele, ficava imediatamente preso. Por fim, não conseguia viver longe do Castelo, nem aí longe da passagem, nem aí longe da porta. Lia, meditava, sonhava, andando nessa passagem, batendo na porta com o pé direito sempre que a atravessava (...)

Extracto do conto «A Porta», a publicar brevemente em livro, juntamente com «Um Jantar Muito Original», pela Relógio d'Água.

LO TUNEL DE PAER LAGERKVIST

ÀS 22 H.
— SÓ ATÉ SÁBADO



COM MANUEL CINTRA E MANUEL MOZOS

ENCENAÇÃO: MANUEL CINTRA CENOGRAFIA: MIGUEL BRANCO MUSICA: PAULO BRANDÃO

NA COMUNA DE 15 A 30 NOV.

APOIOS: F. Gultenhan / M. Cultura

(PR. DE ESPANHA)

Papelprod. fotografica



Lencos salamandra

Lex HISTÓRIA

ESTUDOS

A MORTE DAS FADAS:
A LENDA GENEALÓGICA
DA DAMA DO PÉ DE CABRA
Luís Krus

MALATESTA E O ANARQUISMO PORTUGUÊS
João Freire

CORPORATIVISMO E INDUSTRIALIZAÇÃO:
ELEMENTOS PARA O ESTUDO
DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL
J. M. Brandão de Brito

OS MONARQUICOS
E O ESTADO NOVO DE SALAZAR
Manuel Braga da Cruz

MISSIONÁRIOS NUM BARCO A REMOS:
MODOS ETNOLÓGICOS
DE CONHECIMENTO COMO DESAFIO
À HISTÓRIA SOCIAL
Hans Medick

CRÍTICAS E DEBATES

A IDEOLOGIA
DO FASCISMO REVISITADA:
ZKEV STERNHELL E OS SEUS CRÍTICOS
Agostinho Costa Pinho

COMUNITARISMO,
ESTRATÉGIA SOCIAL
E RELAÇÕES DE PARENTESCO
Albert Sábido

À venda
N.º 6